

# PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM ENFERMAGEM

## PLEASURE AND SUFFERING IN THE WORK OF PROFESSIONAL NURSING EDUCATION PROFESSORS

Marcello Antonio Benedini Lima<sup>1</sup>  
Maria Conceição bernardo de Mello e Souza<sup>2</sup>

### Resumo

Frente às mudanças socioeconômicas atuais, novas configurações à organização do trabalho impuseram-se, repercutindo, entre outras coisas, nos relacionamentos interpessoais. Mediante esse contexto, o presente estudo objetivou compreender e analisar vivências de prazer e sofrimento no trabalho de docentes da educação profissional de nível médio em enfermagem. De natureza qualitativa, descritivo-exploratório, o estudo contou com a participação de oito professores inseridos em duas instituições de ensino privadas. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, analisadas por análise de conteúdo temática. Os resultados apresentaram, como fatores desencadeantes de sofrimento: sobrecarga de trabalho, falta de reconhecimento, desvalorização social, má remuneração e dificuldades afetivas na relação professor-aluno. Os sentimentos de prazer emergiram ligados às experiências de reconhecimento no trabalho e ao bom convívio. Os resultados também indicaram condições favoráveis à transformação do sofrimento através da cooperação e reconhecimento do trabalho dos professores.

**Palavras chave:** Educação. Trabalho. Enfermagem. Saúde Mental.

### Abstract

In the face of current social and economic changes, new work organization occurred, affecting, among other things, the interpersonal relationships. In this context, the present study aimed at understanding and analyzing experiences of pleasure and suffering in the work of teachers of professional education in nursing. Of qualitative, exploratory and descriptive nature, the study involved eight teachers from two private educational institutions. Data collection was performed by semi-structured interviews, interpreted by the analysis of thematic content. The results presented as suffering-triggering factors: work overload, lack of recognition, social devaluation, poor compensation, and affective difficulties in the teacher-student relationship. Feelings of pleasure have emerged linked to the experiences of recognition in the workplace and to good interaction. The results also indicated favorable conditions for the transformation of suffering through the cooperation and recognition of teachers' work.

**Keywords:** Education. Work. Nursing. Mental Health.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas marcellobenedini@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP) - Universidade de São Paulo (USP)

No cenário brasileiro, a formação de docentes para a educação profissional e tecnológica tem provocado diversos debates políticos e acadêmicos, sem apontar saídas ao processo de formação desses professores. O desafio diz respeito ao fato de que, enquanto a atenção é dirigida à formação dos professores do ensino propedêutico, sendo, nessa modalidade, obrigatória a formação técnico-pedagógica, a formação dos professores da educação profissional encontra-se negligenciada, sendo apenas recomendada a mesma formação técnico-pedagógica. Estaria o Brasil, no século XXI, perpetuando uma crise educacional dualista, caracterizada por políticas públicas que segregam educação e trabalho? (CARVALHO, SOUZA, 2014).

Os docentes que atuam na educação profissional de nível médio podem ser compreendidos da seguinte forma: os que trabalham na esfera pública, em sua maior parte graduados, divididos entre os licenciados e os bacharelados, sendo que os licenciados, apesar de serem formados para a profissão de professor (química, física, geografia, história, matemática, etc.), em sua grande maioria, não receberam formação dirigida para a educação profissional, ou seja, não passaram por um processo de discussão e reflexão sobre a relação entre o trabalho e a educação, essencial à prática do ensino profissionalizante; os professores bacharéis apresentam situação ainda mais complexa, pois são aqueles atuantes na educação profissional, detentores do conhecimento científico de suas graduações (engenharia, enfermagem, nutrição, biologia, etc.), que ensinam nos cursos profissionais de nível médio, mas não possuem formação pedagógica voltada ao exercício da docência; e os professores que atuam na esfera privada, chamados de instrutores, geralmente técnicos sem graduação na área de seu conhecimento, possuidores de grande experiência prática/profissional, atuantes como professores do nível médio, a partir da lógica de que, como sabem fazer, estão aptos a ensinar (MATHIAS, 2011). Nesse sentido, alguns estudos apresentam resultados que contextualizam e apontam para a desvalorização da profissão como “professor de ensino profissionalizante”.

Em estudo realizado por Frozoni e Souza (2013), as autoras fazem uma análise específica das condições de trabalho dos professores da educação profissional em enfermagem, em um município localizado no interior do estado de São Paulo (Brasil), constatando a desvalorização da profissão docente, refletida nas más condições de trabalho, nos baixos salários, na inexistência de víncu-

los empregatícios, o que obriga à necessidade financeira de adesão a mais de um emprego, entre outros fatores. Identificando-se aí, como as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores da educação profissional em enfermagem, o despreparo pedagógico e a ausência de apoio, tanto estruturais como subjetivos, das instituições em que trabalham. Esse fato implica em agravantes, como: más condições de trabalho, baixos salários, inexistência de vínculos empregatícios, necessidade financeira que obriga a adesão a mais de um emprego, além da impossibilidade de dedicação exclusiva e do aprimoramento pedagógico direcionado ao ensino técnico de nível médio em enfermagem.

Quanto à formação pedagógica, os resultados obtidos por Frozoni e Souza (2013), demonstraram que 28,5% dos participantes possuíam licenciatura; 57,2% possuíam especialização em formação docente; e 14,3% tinham mestrado, destacando-se o fato de que todos os participantes apresentavam formação pedagógica. Todavia, 92,8% obtiveram a formação depois de já inseridos no trabalho docente. Cabe destacar que as autoras enfatizam que tal realidade de condições favoráveis à formação docente de nível médio não condizem com a realidade das demais regiões do país. De forma unânime, observa-se a adesão dos professores a contratos temporários, sendo a remuneração efetuada por hora/aula, fato indicativo de a profissão de professor ser encarada como uma opção secundária de trabalho. Tais condições acarretam o distanciamento de projetos direcionados à formação de professores, além de corroborar as condições precárias de trabalho às quais os professores da educação profissional estão submetidos (FROZONI, SOUZA, 2013).

Quanto ao trabalho docente, desenvolvido nas condições apontadas nas pesquisas descritas anteriormente, observa-se que esse pode potencializar tanto as vivências de prazer como as experiências de sofrimento decorrentes da prática docente. A cultura organizacional dá sustentação aos processos de sociabilização, por meio de um sistema de valores, sendo que este é vivenciado nas experiências subjetivas compartilhadas (FERREIRA et al., 2009).

Em relação às vivências de prazer e sofrimento na prática docente, em estudo realizado com enfermeiros(as) docentes de três universidades privadas da cidade de São Paulo, pode-se constatar como elementos importantes, a vivência de prazer no trabalho docente, a interação professor-aluno positiva (reconhecimento), o compromisso nas atividades didático-pedagógicas, e o engajamento em relação à formação profissional dos alunos. Por outro lado, os aspectos desencadeadores de sofrimento se apresentaram vinculados às restrições de tempo, em consequência do cotidiano asoado de tarefas do trabalho, à desvalorização docente, explicitada por meio da desarticulação entre o empenho do professor e o desinteresse e descompromisso do aluno (FERREIRA et al., 2009).

Analisando a mobilização coletiva de uma equipe de profissionais da educação (professores regentes de classe, professores em desvio de função – biblioteca, laboratório de informática, e orientador educacional), como ocorre em uma escola de ensino fundamental do Distrito Federal, a pesquisa realizada por Duarte e Mendes (2015) investigou as vivências de prazer-sofrimento, bem como as estratégias de defesa utilizadas pelos professores, decorrentes da organização do trabalho no cotidiano da escola. Os autores constataram uma grande dificuldade encontrada pelos professores na construção de espaços coletivos, nos quais as experiências de prazer-sofrimento pudessem ser compartilhadas e discutidas pelos trabalhadores. Frente ao sofrimento, os professores faziam uso de estratégias defensivas individuais, ao contrário de estruturas coletivas, visando mitigar e conter o sofrimento no caminho oposto à possibilidade de sua ressignificação. Ressaltam, ainda, que por meio da estruturação de coletivos entre os trabalhadores/professores, torna-se viável a compreensão de que a situação de trabalho nas escolas pode ultrapassar as salas de aula e os conteúdos, constituindo-se, em essência, em relações intersubjetivas (DUARTE, MENDES, 2015).

Frozon e Souza (2013), ao traçar o perfil dos professores em atividade na educação profissional de nível médio em enfermagem, constataram a presença de sentimentos ambíguos em relação à profissão. O estudo, atentando para a importância das dimensões afetivas dos professores, investigou variações quanto às experiências laborais, que transitaram por estados de prazer e gratificação, chegando até a sentimentos de desvalorização e frustração, ao legitimar, desse modo, aspectos relacionados às vivências de prazer e sofrimento decorrentes do trabalho docente.

Tendo em vista o perfil dos professores da educação profissional de nível médio em enfermagem, demonstrado pelas pesquisas destacadas, surgiram algumas indagações: Como o professor que vivencia estas condições de trabalho se sente? Como é ser professor de nível médio no contexto da educação profissional em enfermagem? Com a intenção de refletir sobre a temática estudada, buscaram-se subsídios, por meio do atual estudo, no referencial da Psicodinâmica do Trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho, ou clínica do trabalho, tem suas origens nos anos 70, fundada pelo médico e psicanalista francês Christophe Dejours, a partir do embate estabelecido entre a Antropologia Psicanalítica e a Ergonomia, disciplinas voltadas ao estudo científico das condições de trabalho e à relação do homem com seus artefatos técnicos. A Psicodinâmica do Trabalho se empenha na elaboração de uma clínica e de uma teoria dedicadas às relações entre o funcionamento psíquico e as situações de trabalho, sendo norteadas pela ideia de possibilitar uma melhor compreensão ao fato das situações de trabalho se constituírem em grandes fontes geradoras de sofrimento, em determinados casos, e de prazer em outros (DEJOURS; MELLO NETO, 2012).

A desconsideração do desejo nos trabalhadores torna o estabelecimento de laços afetivos impossível no contexto de trabalho. A Psicodinâmica do Trabalho enfatiza o desejo como fundamental à mobilização subjetiva, reconhecendo que a sua realização nunca ocorrerá, mas através da busca por essa realização, os sujeitos falam sobre seu trabalho, seus sofrimentos, seus adoecimentos, exatamente para sair dessa condição (MENDES, ARAÚJO, 2012a).

Em consonância com a realidade vivida pelos professores da educação profissional técnica de nível médio em enfermagem, Dejours (2011a) denuncia o triunfo do liberalismo radical, que subjugua e ignora a dimensão subjetiva dos comportamentos humanos, ponto central do presente estudo, em contraposição ao modelo de homem concebido por Max Weber como *homo economicus*, modelo este presente nas sociedades ocidentais neoliberais, o que leva o homem ao máximo da expressão de sua racionalidade econômica e, portanto, ao máximo de sua racionalidade técnico-instrumental.

Para Dejours (2011b), a Psicodinâmica do Trabalho adota um posicionamento análogo ao da Psicanálise, ao fazer aflorar os sentimentos dos sujeitos a partir das situações de trabalho, abstendo-se o clínico da Psicodinâmica de qualquer conselho sobre a realidade. A Psicanálise coloca a questão central para a construção da Psicodinâmica: “Qual é o lugar do sujeito no trabalho, e de que liberdade ele dispõe para elaborar um compromisso nos conflitos que surgem no confronto de sua personalidade e de seu desejo com a Organização de Trabalho?” (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2011a, p. 42).

A Psicodinâmica do Trabalho enfatiza a necessidade de observação das relações que acontecem entre o contexto de trabalho e a vida psíquica dos trabalhadores, um assunto ainda muito pouco explorado (DEJOURS; MELLO NETO, 2012). Ressalta, ainda, a importância das palavras como meio de elaboração (elaboração através da fala: elaboração interpretativa), afirmando, acerca das situações reais de trabalho, complexas e polivalentes, que: “[...] o sofrimento pode andar lado a lado com o prazer” (DEJOURS, 2011c, p. 189).

A atenção da Psicodinâmica está concentrada no trabalho, em especial nos modos de organização deste, considerando o atual contexto socioeconômico representado pela acumulação flexível, a desestruturação dos coletivos de trabalho, a falta de solidariedade e confiança, a fragilidade dos laços sociais, entre outros fatores, responsáveis pelo vazio na formação dos trabalhadores. Logo, empenha-se em repensar a organização do trabalho e a construção de novas regras para o fazer e o viver junto no trabalho (MENDES; ARAÚJO, 2012a).

A expressão “viver junto” tem suas raízes na Psicanálise, a partir do texto *Psicologia das massas e análise do eu*, de Freud (1920-1923), que trata sobre o investimento pulsional/libidinal dos sujeitos nos laços sociais. É explorada na Psicodinâmica pela forma como os trabalhadores se organizam e se engajam nas situações de trabalho, examinando os laços sociais (intersubjetividade) e os processos de cooperação, orientados pela solidariedade e a confiança ao se “viver junto” (MENDES, 2012a).

A expressão “viver junto” é usada, no presente estudo, ao se investigar como transcorrem os relacionamentos entre professores da educação profissional de nível médio em enfermagem e seus principais pares: alunos, coordenadores, instituições, entre outros. O “viver junto” é explorado aqui a partir da Psicodinâmica, com enfoque nas experiências afetivas ocorridas na intersubjetividade do trabalho.

A análise psicodinâmica do trabalho diferencia-se de outras formas de análise dos contextos e relações de trabalho pela consideração aos desejos dos sujeitos. A hipótese formulada por Dejours e Abdoucheli (2011a) diz que, quando engajados na discussão sobre a organização do trabalho, os sujeitos não apenas defendem seus interesses, mas se empenham em uma construção que dê sentido aos seus sofrimentos no trabalho: “[...] A qualidade do trabalho é uma condição de prazer no trabalho, e mais ainda: condição para a saúde mental e a identidade singular dos agentes” (DEJOURS, 2011d, p. 371).

Ao refletir sobre as situações de trabalho dos professores na educação profissional técnica de nível médio em enfermagem, no cenário da educação nacional, questiona-se: Como os professores lidam com situações tão adversas em seu trabalho de educar? Existem fatores favoráveis encontrados nas situações de trabalho? Quais são? Neste sentido, com a intenção de analisar os prazeres e sofrimentos vividos pelos professores de escolas técnicas em enfermagem, bem como compreender melhor estes questionamentos, é que se desenvolveu o atual estudo.

## **Método**

O presente estudo tem origem na dissertação de mestrado intitulada “Educação Profissional em Enfermagem: prazer e sofrimento no trabalho docente”. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com caráter descritivo-exploratório. A pesquisa qualitativa lida com temas voltados aos fenômenos humanos e com enfoque na realidade social e seus significados, processo este que se dá a partir da investigação do universo da produção humana, presente de forma concentrada em suas relações, representações e intencionalidades (MINAYO, 2012). A pesquisa exploratória tem pois, por finalidade, proporcionar mais informações sobre o assunto investigado, facilitar a delimitação do tema, orientar a fixação dos objetivos, e o levantamento de hipóteses, contribuindo para a descoberta de um novo ponto de vista a respeito do assunto (ANDRADE, 2004).

## **Participantes**

O estudo contou com a participação de oito professores, sendo a maioria do sexo feminino (cinco mulheres e três homens), com idade média de 35,6 anos, e tempo médio de trabalho como docente de 4,6 anos. Dois docentes não eram casados no momento da entrevista, e dois possuíam filhos. Quanto à remuneração, a média foi de R\$ 17,50 reais por hora/aula, e apenas um professor mantinha vínculo empregatício com a instituição educacional empregadora. Sete dos oito professores participantes trabalhavam simultaneamente em mais de um emprego, dado que reafirma as condições precárias e a sobrecarga de trabalho às quais os professores da educação profissional em enfermagem são submetidos.

## **Instrumentos**

Foi utilizado questionário socioeconômico e roteiro de entrevista semiestruturado. O questionário socioeconômico foi composto por 23 questões, abordando dados referentes à identificação dos participantes, como idade e gênero, estado marital, número de filhos, além de questões sobre a formação docente e a experiência profissional dos professores, tais como regime de contratação, condições financeiras, adesão a mais de um emprego simultaneamente, e vínculo empregatício. O roteiro de entrevista semiestruturado pautou-se sobretudo por uma questão norteadora, que trata sobre a experiência presente de ser professor na educação profissional de nível médio em enfermagem, apoiada por questões de aprofundamento, às quais se voltaram aos seguintes aspectos: trajetória

ria pessoal até atingir a profissão de professor; momentos marcantes no trabalho; principais desafios enfrentados; principais fatores concebidos como fonte de sofrimento e prazer na situação de trabalho; espaços para cuidados subjetivos no contexto profissional, e perspectivas futuras quanto à profissão e à experiência como docente.

### **Coleta de dados**

O contato e o convite aos professores foram realizados pelo próprio pesquisador, pessoalmente, e, na maioria dos casos, de forma individual. Todas as entrevistas aconteceram nas próprias instituições de ensino, em horários diferentes das atividades docentes, propostos e consentidos pelos professores. Algumas entrevistas necessitaram ser remarcaadas diversas vezes, em decorrência do não comparecimento dos professores. As principais alegações quanto às ausências diziam respeito ao esquecimento do horário e dia agendados, ou à indisponibilidade de tempo.

Foram feitas oito entrevistas individuais, com tempo médio aproximado de 30 minutos cada, gravadas e transcritas integralmente, após o consentimento dos professores. A coleta de dados ocorreu de forma individual, apesar de a Psicodinâmica do Trabalho preconizar a realização de sessões em grupo, sendo o espaço social coletivo fundamental para a mobilização subjetiva dos trabalhadores (ROSSI, 2012). Devido a fatores como escassez de tempo, incompatibilidade de horários, entre outros referidos pelos participantes, foi inviável a coleta dos dados de forma coletiva.

As contribuições aos estudos sobre o prazer e o sofrimento dos trabalhadores podem surgir por meio do uso de entrevistas individuais, além de outras técnicas, contanto que propiciem a mobilização subjetiva dos participantes. Para isso, apresenta-se como fundamental não perder de vista a articulação existente entre o sujeito e o social, como propõe a análise psicodinâmica do trabalho (MENDES; ARAÚJO, 2012a).

### **Análise de dados**

Os dados foram analisados utilizando-se a análise de conteúdo temática, que se situa no campo das Ciências Sociais. Diante da complexa discussão relacionada aos divisores quantitativos/qualitativos, seus métodos e suas virtudes, a análise de conteúdo apresenta-se como uma técnica híbrida de grande função mediadora (MINAYO, 2012).

No presente trabalho, a teoria psicodinâmica do trabalho foi utilizada como categoria conceitual teórica, com o intuito de aprofundamento e de melhor apreensão dos dados coletados nas situações de trabalho, de forma conjunta à análise de conteúdo (MERLO; MENDES, 2009).

A análise de conteúdo seguiu, conforme Gomes (2012), a seguinte sequência de etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados/inferências/interpretação. No presente estudo, após a coleta e a transcrição dos dados, e como etapa de pré-análise, foi realizada a leitura flutuante, permitindo a impregnação dos dados e de seus conteúdos, com vistas ao acesso a níveis mais profundos do material. Em seguida, os dados foram explorados, realizando-se uma análise mais apropriada, mediante a organização em categorias, sendo as principais: “Sofrimento”, que se subdivide em: Sobrecarga; (Não) Reconhecimento e (Des)Valorização Social; (Mal) Viver Junto. E “Prazer-Gratificação”, que se subdivide em: Reconhecimento dos pares; Reconhecimento: ser professor; e (Bem) Viver junto. Como etapa final, através da elaboração de uma síntese de articulação e diálogo entre os dados obtidos e, a partir do referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho, foram construídas inferências e interpretações (MINAYO, 2012).

### **Considerações éticas**

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, de Ribeirão Preto – (EERP - USP), conforme parecer Of. CEP-EERP/USP - 154/2014 e Protocolo CAAE: 33821114.9.0000.5393.

### **Resultados**

As entrevistas realizadas com os professores evidenciaram momentos vividos de sofrimento e/ou prazer, no contexto de seu trabalho. Ao falarem sobre o sofrimento, aparece a sobrecarga de trabalho, a necessidade de mais de um emprego para a sobrevivência, além da desvalorização da profissão:

*“[...] para você ter uma ideia, eu trabalho 20 horas, [...] vamos pensar, eu recebo pelas 20 horas trabalhadas. As 20 horas são em sala de aula, eu não tenho lazer, não tenho formas de fazer mais nada” (P2); “[...] todos os professores aqui, eles têm outro emprego, a maioria acaba encarando a aula como um bico, entendeu?” (P4); “[...] mas infelizmente a enfermagem não ganha bem, então até por isso às vezes tem que trabalhar até em dois. Tem colegas meus que trabalham em três” (P7).*

A Psicodinâmica do Trabalho se empenha, de forma ética, com a mobilização afetiva dos sujeitos, colocando-os diante dos sofrimentos vividos nas situações de trabalho, e muitas vezes negados, ocultados, desconhecidos, ou negligenciados. Com vistas à emancipação e à libertação dos trabalhadores, surge a possibilidade de ação sobre a organização do trabalho, com a apropriação dos sofrimentos (inevitáveis), ressignificando-os em direção às vivências de prazer. Quando o trabalhador utiliza suas defesas pessoais – resistência, negação, projeção, entre outras, evidencia-se um forte indicador da retirada de si, da negação de seu eu. Assim, o trabalhador abre mão do prazer, da gratificação, e deixa de ser sujeito da ação no trabalho, sobrevivendo em meio ao embotamento de sua subjetividade (MENDES; ARAÚJO, 2012a).

Observam-se, também, o não reconhecimento, a má remuneração e a desvalorização social, como podemos observar nas falas a seguir:

*“A questão salarial ainda é precária na nossa área [...] não existe um reconhecimento muito grande na nossa área” (P4); “Não é sofrimento, eu acho assim, são alguns desgastes que a gente tem enquanto coordenador, enquanto professor” (P1); “Porque pelo salário que você recebe, é impossível você se manter só dando aula, ainda mais que você não tem vínculo” (P4).*

Gernet (2012) fala sobre as diferenças entre as estratégias defensivas, exploradas pela Psicodinâmica do Trabalho e os mecanismos de defesa clássicos oriundos da Psicanálise. As estratégias defensivas agem diminuindo a percepção dos sujeitos quanto aos seus medos, desgostos, vergonhas, senso de injustiça, com a finalidade de que permaneçam no trabalho e afastem os riscos de manifestação das doenças psíquicas e somáticas.

As raízes do sofrimento estão no modo perverso como o trabalho é organizado, tendo, como principais pilares de sustentação, a falta de reconhecimento e a contradição entre o discurso e a prática. Atributos organizacionais, por demais prejudiciais, e intimamente ligados às patologias do trabalho, fazem com que as estratégias defensivas (proteção, adaptação) dos sujeitos se tornem patologias, como, por exemplo, a sobrecarga de trabalho (MENDES; MARRONE, 2012).

Os professores apontam também, como sofrimento: a falta de vínculo com a instituição; a falta de envolvimento no trabalho com os outros colegas, e o convívio com os alunos, que precisam de apoio e ajuda, e o professor se vê, muitas vezes, impedido de ajudar:

*“[...] essa questão do vínculo que a gente não tem com a instituição, acho que seria um deles, porque dificulta, não te estimula muito a prática, não é?” (P4); “Isso é muito doloroso, às vezes sair desmotivado, sair às vezes com vontade de chorar. Já saí, às vezes, chorando porque teve*

*que ter um momento de discussão e de ‘puxada’ mesmo” (P5); “E eu sou assim, eu sofro muito com essas questões (referência ao convívio professor - aluno). Eu acho que acabo, eu absorvo muito os problemas, eu levo muito os problemas comigo” (P1).*

A psicodinâmica propõe, como saída para os impasses e a promoção da saúde no contexto das escolas – como na situação de *mal* “viver junto” entre professores e alunos, aqui apresentada: o estímulo ao trabalho coletivo, o desenvolvimento conjunto de regras de ensino, e o incentivo ao reconhecimento dos professores por seus pares e pelos alunos. A complexidade e a ambivalência constituintes das instituições de ensino, fontes de intenso sofrimento psíquico, podem ser utilizadas dialeticamente como agentes de saúde (MENDES; MARRONE, 2012).

Sobre o prazer e a gratificação de ser professor, verificam-se, nas falas dos professores, algumas retribuições advindas do reconhecimento do papel do professor a partir dos próprios alunos:

*“[...] mas a recompensa maior pra mim é essa gratificação que outras pessoas veem ou reconhecem e até do aluno, não é, quando ele olha e fala: ‘Olha, sem você eu não teria conseguido, obrigado’”; (P2); “É o prazer mesmo de... ah, de receber um abraço, sabe? De falar: Nossa, obrigado professora, porque você me ensinou, pelos ensinamentos, pela experiência de vida...” (P5); “[...] foi o dia do professor e eles fizeram uma homenagem, me deram presente e eu tenho 6 meses com eles. Então, assim, esse retorno era além do que eu estava imaginando” (P6).*

O reconhecimento inscreve-se na esfera da personalidade em termos de benefícios à construção e ao fortalecimento da identidade, ou, expresso de outro modo, conforme Dejours: “[...] a retribuição simbólica conferida por reconhecimento pode ganhar sentido em relação às experiências subjetivas e à realização de si mesmo” (DEJOURS, 2011b, p. 87).

Outro fator gerador de gratificação emergiu do encontro dos professores com egressos do curso, momento em que elogios surgiram, ratificando o processo de reconhecimento:

*“Quando você tem um aluno seu, que você sabe que você quem trabalhou com ele e ele é elogiado, então você sabe que isso é resultado do seu esforço” (P2); “[...] isso é prazeroso pra gente e quando você vê um aluno teu bem colocado. E as pessoas elogiando, falando, entendeu, você atingiu seu objetivo, a meta final foi alcançada” (P4); “[...] a gente foi motivador de alguém mudar e crescer na vida. Eu acho que isso é marcante” (P5).*

O reconhecimento promove a realização dos professores, que se dá através do trabalho docente, sendo enunciado por sua linguagem, suas palavras, as quais foram atentamente escutadas durante as entrevistas. Dessa forma, os professores, ao se realizarem, ao encontrarem sentido em seu

ofício, se fortaleceram em suas identidades (ser professor), e caminharam em direção à emancipação e à transformação frente aos desafios do dia a dia.

O relacionamento professor-aluno também foi apontado como fator gratificante para o professor, colocando o aluno como importante no processo de aprendizagem:

*“[...] o relacionamento que você tem com o aluno é... você poder fazer parte desse processo. De evolução, de educação do aluno, é o relacionamento com os colegas, acho que a gente acaba aprendendo muito com o aluno também” (P1); “[...] essa troca, essa experiência, eu me sinto bem, me sinto realizada” (P5); “Assim, muitas vezes, eu me sinto aliviado quando eu venho e faço uma atividade legal com os alunos, eu saio daqui mais leve” (P7).*

A Psicodinâmica do Trabalho se compromete com a interação dos aspectos conscientes e inconscientes dos sujeitos, e com as forças psicológicas que regem os comportamentos humanos diante da organização das situações de trabalho. Tal ênfase se justifica à medida que questiona a fala instituída, dada, imposta no trabalho, muitas vezes causadora de patologias. Desse modo: “[...] a confiança e o compromisso são expressões de ‘ser-com-outro’, que possibilitam ocorrer cuidado e esperança” (ARAÚJO; MENDES, 2014, p. 37).

## **Discussão**

Como fontes importantes, e como um dos principais fatores desencadeantes de sofrimento nas situações de trabalho dos professores, foram constatados: a sobrecarga de trabalho, o não reconhecimento, associado à desvalorização social, a má remuneração, e as dificuldades afetivas ocasionadas na relação professor-aluno. Os sentimentos de prazer e gratificação no trabalho dos professores se apresentaram ligados ao reconhecimento de suas atividades docentes por seus principais pares (colegas professores, coordenadores), e ao estabelecimento de boas relações afetivas com os alunos, além do bom convívio e da realização do trabalho de forma conjunta.

A partir dos resultados, foi observado que, exceto quanto à sobrecarga de trabalho, tanto as vivências de sofrimento como as de prazer têm sua origem em fatores ligados às questões afetivas, vividas no jogo de intersubjetividades, fundamental para a profissão de professor. A teoria psicodinâmica do trabalho atenta para a importância dos aspectos afetivos, da subjetividade e da intersubjetividade dos relacionamentos estabelecidos nas situações de trabalho. Frente ao sofrimento vivido pelos professores, causado por experiências afetivas difíceis e pelos impasses intersubjetivos professor-aluno, a Psicodinâmica do Trabalho aponta, como saída, a sublimação do sofrimento nas situações de trabalho. Para isso, propõe a efetivação de espaços sociais, nos quais aconteçam a ex-

pressão de vivências subjetivas e o processo de deliberação em relação à organização do trabalho, como forma de viabilizar a sublimação do sofrimento a partir das relações sociais (processo de cooperação).

Frente às situações adversas no trabalho de educar, foi verificado que os professores, para persistir em suas atividades, utilizam mecanismos de defesa individuais (negação), e estratégias defensivas coletivas (submissão coletiva às condições precárias de trabalho), na maioria dos casos, de forma desconhecida pelos próprios professores. Apesar disso, mesmo enfrentando situações desfavoráveis, as possibilidades de transformação do trabalho e a transformação do sofrimento vivido no trabalho foram apresentadas pelos professores, por meio de relatos sobre experiências de cooperação e reconhecimento no trabalho.

As instituições de ensino possuem constituição complexa e ambivalente, causando nos professores, simultaneamente, vivências de prazer e de sofrimento. Logo, as fontes de sofrimento podem ser dialeticamente utilizadas como agentes de saúde, sendo, esse processo, viável, por meio da transformação do sofrimento patogênico em sofrimento criativo, como pressupõe a teoria psicodinâmica do trabalho. Para que o sofrimento patogênico seja transformado em sofrimento criativo, no contexto das escolas de educação profissionalizante, uma variável precisa ser respeitada: o reconhecimento da criatividade e do trabalho docente. Para que a criatividade e o reconhecimento aconteçam, faz-se necessário o desenvolvimento conjunto de regras de ensino, o incentivo ao reconhecimento do trabalho dos professores, demandando espaços sociais de convívio favoráveis à discussão sobre a organização do trabalho, no cenário da educação profissionalizante em enfermagem.

Em concordância com a Psicodinâmica do Trabalho, o sofrimento abordado não é compreendido com o significado de ‘patologia’, mas sim, como um convite para a reflexão e para a ação dos sujeitos quanto à forma como acontece a organização de suas situações de trabalho (MENDES; ARAÚJO, 2012a). Para a teoria psicodinâmica do trabalho, o sofrimento do trabalhador não se estabelece como um objeto de pesquisa, do mesmo modo como é tido em outros campos de investigação. A Psicodinâmica se indaga sobre as formas de organização do trabalho e as experiências subjetivas dos trabalhadores decorrentes dela, e de modo estratégico com relação à compreensão das principais variáveis geradoras de prazer e sofrimento no trabalho (ROSSI, 2012).

A partir do enunciado pelo sujeito quanto à sua experiência no trabalho, tornam-se materializadas as indicações de sobrecarga e sofrimento na organização do trabalho. O sofrimento e os sintomas originados nos conflitos e dificuldades do trabalho desencadeiam vivências subjetivas, momento em que os trabalhadores buscam saídas e soluções para os seus problemas, consideradas

como estratégias de defesa pela Psicodinâmica (ROSSI, 2012). As formas de sobrecarga apresentadas pelos professores participantes do estudo parecem refletir o sofrimento vivido e expressado implicitamente, através de estratégias defensivas e de mecanismos de defesa, o que ocorre de diversas maneiras.

Para a compreensão das dimensões referentes ao não reconhecimento e à desvalorização social dos professores, conforme trouxeram em suas entrevistas, foi utilizado o conceito de Reconhecimento, amplamente explorado pela Psicodinâmica do Trabalho: “A falta de reconhecimento é tema recorrente no universo do trabalho. Não se trata de uma reivindicação marginal, mas de proposição fundamental da psicodinâmica da cooperação” (DEJOURS, 2011b, p. 86).

As dimensões culturais e sociais constituem o trabalho, que não se restringe aos afazeres práticos. O trabalho está também no convívio, na intersubjetividade, no viver junto, em uma experiência de se viver junto para além do sentido de dividir o mesmo espaço físico, mas, sobretudo, de viver junto no compartilhamento dos estados afetivos, dos sofrimentos e das estratégias de defesa (MENDES; ARAÚJO, 2012a). A formação dos sujeitos ocorre a partir de suas inter-relações, em oposição à superficialidade das relações tão estimuladas na atualidade pela lógica do capital flexível. A Psicodinâmica, engajada social e politicamente com a organização do trabalho, utiliza a mobilização afetiva, confrontando os sujeitos com seus desejos e sofrimentos, no intuito de promover a emancipação e a transformação dos trabalhadores quanto ao seu agir nas situações de trabalho (MENDES; ARAÚJO, 2012c).

Na categoria ‘prazer e gratificação’, o sofrimento pode ser diferenciado em dois tipos: o sofrimento criador e o sofrimento patogênico. Quando as possibilidades de transformação da organização do trabalho se esgotam, denunciadas pelos sentimentos de aborrecimento, medo e impotência, e quando não há mais recursos defensivos nos trabalhadores, começando seu aparelho mental a ser destruído, o que os faz entrar em desequilíbrio psíquico, causando descompensações (mentais e psicossomáticas) e doenças, está aí instalado o sofrimento patogênico (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2011b). Frente ao sofrimento, a teoria da psicodinâmica do trabalho não pretende encontrar definições objetivas, considerando-o inevitável e ubíquo. O grande desafio ao qual se atém é em direção às possibilidades de modificação do destino dado ao sofrimento e ao favorecimento de sua transformação, não de sua eliminação. Logo, nas situações de trabalho concebidas como mediadoras de saúde, por sofrimento criativo se compreende: “Quando o sofrimento pode ser transformado em criatividade, ele traz a contribuição que beneficia a identidade. Ele aumenta a resistência do sujeito ao risco de desestabilização psíquica e somática” (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2011b, p. 137).

O trabalho, para a Psicodinâmica, não se constitui apenas em atividades individuais realizadas por meio de ferramentas e objetos técnicos. O trabalho vivo é consolidado quando as competências individuais, promovidas pelas experiências corporais dos sujeitos, são inseridas nas relações sociais. O sujeito, no exercício do trabalho, sempre faz parte de uma dinâmica coletiva e complexa, em que “trabalha-se com e para o outro” (GERNET, 2012, p. 66). O trabalhar, de forma inevitável, confronta os sujeitos com a realidade, fazendo-os, na maioria das situações, pensar e agir de forma diferente ao que foi prescrito para o trabalho. Logo, o sofrimento originado frente ao trabalho real pode não ser patogênico. Pode ser desencadeado em consequência do empenho para superar as dificuldades, indicando que o sofrimento pode se transformar em prazer, sobretudo respeitando duas variáveis: quando a organização do trabalho permite a criatividade dos sujeitos, e quando há reconhecimento pelos outros em relação às suas contribuições (GERNET, 2012).

O reconhecimento inscreve-se na esfera da personalidade em termos de benefícios à construção e ao fortalecimento da identidade, ou ainda, expresso de outro modo, conforme Dejours: “[...] a retribuição simbólica conferida por reconhecimento pode ganhar sentido em relação às experiências subjetivas e à realização de si mesmo” (DEJOURS, 2011b, p. 87).

Segundo a Psicodinâmica do Trabalho, a experiência intersubjetiva acontece a partir das raízes pulsionais inconscientes dos sujeitos, ligadas ao fazer e ao contribuir com o outro, manifestadas através de atitudes favoráveis ao estabelecimento dos laços sociais. A partir da construção de regras de trabalho e convivência, o sujeito renuncia ao seu narcisismo, dando lugar ao reconhecimento e assegurando sua identidade por meio dos laços afetivos (MENDES; ARAÚJO, 2012a).

Considerando os contextos histórico e sócio-político, nos quais a educação profissional de nível médio em enfermagem foi fundada e se constituiu como campo de educação de nível médio profissionalizante, tornaram-se evidentes a complexidade e a diversidade de variáveis relacionadas ao trabalho dos professores da educação profissional em enfermagem. As mudanças socioeconômicas ocorridas nas últimas décadas – como resultado da globalização da economia, da inserção de novas formas de produção pautadas pela lógica capitalista, do neoliberalismo, e do regime de acumulação flexível – impuseram novas configurações à organização do trabalho, repercutindo diretamente nos relacionamentos interpessoais. Nesse contexto, o individualismo e a competitividade foram estimulados e propagados, tornando-se banais, gerando consequências drásticas à saúde, tanto física quanto psíquica, dos trabalhadores.

Os novos modos de produção e organização do trabalho causaram impactos nos processos educacionais, em especial, na educação profissionalizante, dicotomizada entre escolarização e pro-

fissionalização. O presente estudo, embasado no referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho, investigou aspectos subjetivos da profissão dos professores de educação profissional técnica de nível médio em enfermagem. Considerando a relação entre a atenção aos aspectos afetivos e o favorecimento à saúde nas situações de trabalho docente, a pesquisa procurou compreender e analisar como as vivências de prazer e sofrimento acontecem e influenciam o trabalho dos professores.

Longe de encontrar respostas ou soluções para os muitos desafios enfrentados pelos professores da educação profissional de nível médio em enfermagem, o presente estudo se presta a fazer uma breve análise sobre a importância e a centralidade dos aspectos subjetivos e das experiências afetivas, reveladas mediante as experiências de prazer e sofrimento dos professores da educação profissionalizante em enfermagem e em suas situações de trabalho. Por fim, cabe destacar a escassez de estudos específicos sobre as condições de trabalho dos professores e de todo o coletivo de profissionais envolvidos com a educação de nível médio profissionalizante em enfermagem. Ressalta-se, portanto, a necessidade da realização de estudos, que tratem da temática dos laços sociais nos processos educacionais, os quais podem contribuir para a emancipação e a transformação dos sujeitos, por meio do esclarecimento e do incentivo com relação a processos como a cooperação, em que a solidariedade e a confiança são viabilizadas, promovendo a transição dos relacionamentos interpessoais do “cada-um-por-si” para o “ser-com-outro”.

## Referências

ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

ARAÚJO, L. K. R.; MENDES, A. M. Reflexões sobre a psicodinâmica do trabalho no contexto sindical. In: MENDES, A. M.; BOTTEGA, C. G.; CASTRO, T. C. M. (Orgs.), **Clínica psicodinâmica do trabalho de professores: práticas em saúde do trabalhador**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 25-38.

CARVALHO, O. F.; SOUZA, F. H. M. Formação do docente da educação profissional e tecnológica no Brasil: um diálogo com as faculdades de Educação e o curso de Pedagogia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 883-907, jul./set., 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v35n128/0101-7330-es-35-128-00883.pdf>

DEJOURS, C. Para uma clínica da mediação entre psicanálise e política: a psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.), **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2011a. p. 271-254.

DEJOURS, C. Adendum da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2011b. p. 57-124.

DEJOURS, C. Uma resposta durante o seminário “Sofrimento e prazer no trabalho” In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2011c. p. 185-192.

DEJOURS, C. Patologia da comunicação. Situação de trabalho e espaço público: a geração de energia com combustível nuclear. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2011d. p. 341-380.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Desejo ou motivação? A interrogação psicanalítica sobre o trabalho. In: BETIOL, M. I. S. (Coord.). **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas. 2011a. p. 33-44.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em Psicopatologia do Trabalho. In: BETIOL, M. I. S. (Coord.). **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas. 2011b. p. 119-142.

DEJOURS, C.; MELLO NETO, G. A. R. Psicodinâmica do Trabalho e teoria da sedução. **Psicologia em estudo**, v. 17, n. 3, 2014, p. 363-371. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000300002>

DUARTE, F. S.; MENDES, A. M. B. Psicodinâmica do trabalho do coletivo de profissionais de educação de escola pública. **Psico USF**, v. 20, n. 2, 2015, p. 323-332. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712015200212>

FERREIRA, E. M.; FERNANDES, M. F. P.; PRADO C.; BAPTISTA, P. C. P.; FREITAS, G. F.; BONINI, B. B. Prazer e sofrimento no processo de trabalho do enfermeiro docente. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 2009, n. 43, p. 1292-1296. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000600025>

FROZONI, R. C.; SOUZA, M. C. B. M. Educação profissional técnica de nível médio em enfermagem: perfil socioeconômico dos professores de um município do estado de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, 2013, p. 1958-1971. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18673/qs.v1i1.22968>

GERNET, I. Psicodinâmica do reconhecimento. In: MENDES, A. M.; MERLO; MARRONE A. R. C.; FACAS, C. F. E. P. (Orgs.), **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2012. p. 61-76.

GOMES, R. A. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.), **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 67-79.

MATHIAS, M.; SALOMÃO, B. Quem é o docente da educação profissional? **Revista RET-SUS** (Rio de Janeiro), v. 46, n. 5, 2011, p. 14-20.

Disponível em: [http://www.retsus.fiocruz.br/sites/default/files/revista/pdf/retsus\\_revista\\_46.pdf](http://www.retsus.fiocruz.br/sites/default/files/revista/pdf/retsus_revista_46.pdf)

MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. O sujeito em ação: diálogos entre a Psicodinâmica do Trabalho e a Psicanálise. In: MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. (Orgs.). **Clínica psicodinâmica do trabalho: sujeito em ação**. Curitiba: Juruá, 2012 a. p. 21-38.

MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. Apresentação. In: MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. (Orgs.). **Clínica psicodinâmica do trabalho: sujeito em ação**. Curitiba: Juruá, 2012 b. p. 13-17.

MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. Condições institucionais, políticas e éticas para a prática clínica. In: MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. (Orgs.). **Clínica psicodinâmica do trabalho: sujeito em ação**. Curitiba: Juruá, 2012c. p. 129-135.

MENDES, A. M.; MARRONE, C. Trajetória teórica e pesquisas brasileiras sobre prazer e sofrimento no trabalho. In: MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C.; MARRONE, C. F.; FACAS, E. P. (Orgs.), **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2012. p. 29-52.

MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Caderno de Psicologia Social do Trabalho (São Paulo)**, v. 12, n. 2, 2009, p. 141-156. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v12i2p141-156>>

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ROSSI, E. Z. Método de pesquisa em psicodinâmica do trabalho. In: MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C.; MARRONE, C. F.; FACAS, E. P. (Orgs.), **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2012. p. 113-124.